



O PROFESSOR ESTOICO: UM GUIA PARA OS PERPLEXOS

Donato Ferrara

Graduado pela FFLCH/USP

Há cerca de dois anos fui agredido por um de meus alunos. Os golpes, um soco em meu ombro esquerdo e um empurrão, não tiveram força para machucar-me, ainda que me tenham atingido, de outra maneira. Por quinze anos eu tivera êxito em meus esforços por manter do lado de fora das salas onde leciono a atmosfera que, carregada, permeia tantos setores da sociedade brasileira: um isolamento quase hermético, talvez. Minhas aulas foram, quero crer, um refúgio que repelia as investidas da violência, da confusão e mesmo da vulgaridade a que muitos adolescentes são suscetíveis. Elas ainda são espaços razoavelmente protegidos, mas a precariedade de tal proteção apareceu-me à vista com grande clareza naquele momento. Não é de todo possível escapar à incivilidade quando ela está tão arraigada na cultura em que você vive. E o incidente, embora pouco importante, desiludiu-me – e desiludiu-me decisiva mas positivamente.

No estilhaçar de minhas ilusões, dois fatos me chamaram a atenção. O primeiro é que a autoridade não é uma coisa por si mesma evidente, sobretudo para os mais jovens. Professores conscienciosos sabem que, para não incorrerem nas faltas opostas do autoritarismo e da desmoralização, têm de inspirar confiança, têm de constituir-se enquanto autoridades de fato, exibindo conhecimento sólido e um comportamento que os distinga da maioria, mas em geral ignoram que o profissionalismo e a honradez são vias de mão única. A reciprocidade virtuosa é um ponto de equilíbrio em risco permanente. “Ame e seja amado”, “Gentileza gera gentileza”, “Para ser respeitado há que primeiro dar-se o respeito” são máximas belas e úteis, mas não recobrem a realidade

inteira. Elas supõem que o amor, a gentileza e o respeito sejam motivos para a ação valorizados por todos de modo unânime e homogêneo, o que é falso. Ainda que consideremos o magistério uma atividade de suma importância, há muita gente que não pensa assim, e age em conformidade com o que pensa, às vezes de maneira violenta.

O segundo fato diz respeito à realidade de muitos de meus colegas de profissão. Tendo sempre trabalhado em estabelecimento particular e pequeno, minha situação é a de um privilegiado. Todavia, o episódio que me sucedeu abriu-me os olhos para a extensão do problema em outros lugares. Em agosto passado, correram o Brasil as fotos da professora catarinense Marcia Friggi, agredida com socos por um aluno de 15 anos. Subitamente interessada pela questão, a imprensa nos trouxe alguns dados alarmantes. O *Correio Braziliense* de 23 de agosto de 2017 revelou que os educadores brasileiros são os que, no mundo, mais sofrem intimidações e insultos por alunos: 12,5% deles, garante a OCDE, relatam pelo menos um ataque verbal por semana. Outro número que impressiona é o de 4,7 mil profissionais agredidos nas escolas do País, segundo a Prova Brasil 2015, aplicada somente a algumas séries. Também a *Folha de São Paulo*, em reportagem de 18 de setembro, mostrou que, só no primeiro semestre de 2017, professores paulistas protocolaram 178 queixas junto à polícia, resultando em algo como dois profissionais agredidos a cada dia letivo. É uma realidade desoladora apenas entrevista: estamos diante do que é tão-somente a ponta do *iceberg*, sem dúvida.

Reitero: a situação em que me vi envolvido só pode ter alguma relevância se vista em contexto mais amplo – o da sociedade brasileira. Mas também na dimensão particular, houve, por assim dizer, outro *sentido de abertura* em ação, o que me impediu de ter uma reação desproporcional ao ato. Com efeito, mantive-me calmo depois dos golpes, sem alçar a voz, não chegando nem mesmo a expulsar o aluno de sala. E agi assim não porque me faltasse combustível para a indignação, mas porque sabia que o rapaz, bastante negligenciado pelos pais, correria o risco, trâmites disciplinares levados até o fim, de nunca mais frequentar uma escola. Deu certo: dias depois houve um pedido de desculpas, público e sincero. Anos antes, porém, eu não teria hesitado em aprontar um escarcéu – aliás, não teria conseguido deixar de fazê-lo.

Irascível por temperamento, cheguei, no início de meu magistério, a dar murros em portas por causa de incidentes em classe. Em outro de meus acessos de fúria, acabei sendo tão *incisivo* com um aluno que ele foi para casa, destruiu objetos e desistiu de estudar por muitos anos. Não me orgulho disso.

O que então teria ocasionado esta mudança de atitude, surpreendente até para mim? Alguns fatores me vêm à mente, dentre os quais sobressaem o aumento da experiência de vida e a paternidade. Há algo menos comum, porém: o fato de que tenho frequentado os escritos dos estoicos e procurado adotar aspectos dessa filosofia em meu cotidiano. Ter-me tornado íntimo de Sêneca, de Musônio Rufo, do escravo liberto Epicteto e do imperador Marco Aurélio, grandes vultos do estoicismo na Roma imperial, tem algo a ver com a razoável diminuição do domínio das emoções violentas sobre mim (as “paixões” dos antigos) e com o surgimento de certa frieza em momentos de tensão. Entendam-me: sou apenas alguém que teve a sorte de deparar com uma filosofia que, avessa a palavrórios, de fato se volta ao aperfeiçoamento humano – nada mais.

Partindo do que li, vivi e constatei, creio ser possível pinçar, dentre os escritos que nos chegaram dos estoicos romanos, cinco conselhos que dariam subsídios também para outros professores. Suponho que estas ideias, nas quais gosto de meditar, consigam transformar a atitude de meus pares que trabalham em ambientes cujo nível de tensão interpessoal é de leve a intermediário, inspirando-lhes mais firmeza e tranquilidade. Quanto aos que se movem por meios degradados, em que é quase impossível lecionar por haver coisas como loteamento do espaço por gangues, brigas e *bullying* diários, tráfico de drogas e direção omissa ou amedrontada, ofereço-lhes meu respeito e solidariedade silentes. Não tenho o direito de teorizar acerca de situações que só muito remotamente se assemelham ao meu cotidiano. De todo modo, a filosofia do Pórtico não é inócua em casos assim: apenas as sugestões que ela teria a fazer são de outra sorte. Procedendo por aproximação, elas devem, sem nenhum exagero, ser buscadas no que os antigos estoicos diziam sobre a maneira de resistir à tirania ou de manter a sanidade em meio a calamidades.

Eis as ideias que eu gostaria de destacar.

(1) “Das coisas existentes, algumas dependem de nós, outras não dependem de nós” – assim poderíamos verter as primeiras palavras de Epicteto, tais como registradas por seu discípulo Flávio Arriano, no que veio a ser chamado seu *Encheirídion* ou *Manual*. Dotada de boa legibilidade, trata-se de uma obra que encerra o essencial dos ensinamentos do maior professor de filosofia estoica da Antiguidade. Nada obstante, o *Manual* não era um texto dirigido à divulgação primeira do estoicismo de Epicteto, e sim um repositório de fórmulas, lembretes e reflexões que, percucientes, eram capazes de trazer à mente do sujeito mais ou menos versado na filosofia do Pórtico certas balizas para o bem viver. Assim, pode nos soar banal a constatação de que existem coisas que dependem de nós e coisas que não dependem de nós, mas quando vemos a questão desde a perspectiva correta compreendemos que o fato de haver coisas dentro e coisas fora de nossa alçada tem implicações no plano ético: devemos nos dedicar àquelas e nos tornar indiferentes a estas. Sendo “filósofos da exigência”, os estoicos defendiam que um conhecimento sedimentado deveria necessariamente traduzir-se em ações. Ou em latim: *facta, non verba* – feitos, não palavras.

Seguindo a noção mais geral de Epicteto, reconhecemos que dependem de nós coisas como nossas operações mentais e movimentos interiores, o que nos passa pela cabeça, nossas iniciativas, além do modo como reagimos àquilo que nos cerca. Todo o mais se inscreve na classe dos “indiferentes” – não por se tratar de coisas ruins e desimportantes, mas porque fundamentalmente nos fogem ao controle. E de acordo com Epicteto, você tem uma escolha bastante séria a fazer: pode tornar-se excelente nas coisas que realmente dependem de você, conquistando pouco a pouco um tipo de tranquilidade, ou tentar dar conta de acontecimentos que não são de sua alçada, com todo o desgaste psicológico que isso pressupõe. De um lado, a realidade; de outro, a ilusão.

Em termos práticos, isso vai contra a imagem romântica do professor como um misto de sacerdote e assistente social: nossa participação na vida dos alunos resume-se à sala de aula. É apenas dentro desse espaço, limitado mas poderoso, que podemos fazer alguma diferença para as gerações vindouras. Isso não quer dizer que devemos encarar o que temos a cumprir todos os dias de maneira fria, protocolar. Lidando com pessoas, é natural que se formem laços

afetivos e que em nós observemos o aparecimento de preocupações genuínas quanto ao futuro das crianças e jovens que nos são submetidos. Os alunos, aliás, reagem melhor aos professores que de fato se importam com eles. Mas esse *importar-se*, que é precioso, não nos pode deixar cegos ante a evidência: o comportamento dos estudantes, na classe e fora dela, é algo que nos foge totalmente ao controle. Em particular para os adolescentes, a palavra do professor é só um elemento em meio a uma cacofonia de exemplos díspares que se lhes oferecem, muitos dos quais apontam para becos sem saída. De modo que você, professor, que está a poucos metros de seus alunos, de peito aberto, com eles partilhando muitas agruras, tem de competir, no mercado da atenção juvenil, com um *youtuber* célebre por entrar em uma banheira cheia de creme de avelã ou com um artista que declara aos quatro ventos que o modo de lidar com problemas é abusar das drogas. Apenas aceite, pois, que suas advertências e conselhos podem ser em vão, que a aula instigante que preparou talvez venha a dar com ouvidos moucos: você não é responsável pela desmotivação ou inapetência dos alunos. Se cumpriu o seu dever, se fez a sua parte, não há por que entristecer-se com os caminhos e descaminhos que tomam as coisas. Depende de você dar bom exemplo, não arrancar a humanidade florescente de suas más inclinações. Se o mundo executa uma sinfonia infernal, você será aquele que toca um capricho de Paganini ao violino. Durma bem: você precisa acordar cedo.

(2) “Eles continuarão a agir do mesmo modo que vê, ainda que você exploda de raiva” – escreveu Marco Aurélio em suas *Meditações*, espécie de “diário espiritual” do imperador-filósofo (VIII, 4). Ao redigir tal nota de si para si, motivado por um episódio do cotidiano, ele ecoava a opinião geral dos estoicos, que não viam vantagem na ira nem em emoções assemelhadas. O sábio estoico, ideal praticamente inatingível, não se zangava com nada, mantendo-se em estado de bonomia e tranquilidade inabaláveis. Marco Aurélio, que se sabia não sábio, reconhece as limitações de sua prática filosófica, precisando com frequência rememorar-se de que a razão deve interpor-se entre um acontecimento potencialmente irritante e a reação emocional que a ele se tem. A si mesmo ele dizia que é necessário considerar as consequências da ira,

sempre piores que o evento que a desencadeou, e que um insulto ou um ato hostil deve “ficar” com aquele que o praticou, no sentido de que não só não devemos dar ao provocador a satisfação de nos tirar do sério, como também de que, sendo a incivilidade um mal para quem se dá a ela, é possível interromper o curso dos maus sentimentos em nós mesmos, ao invés de incorrerem em reciprocidade violenta. Tudo isso, claro, é difícil e exige um trabalho interior de fôlego.

Estariam os estoicos preconizando um tipo de passividade ou de inércia? Um professor que quisesse se beneficiar do estoicismo hoje deveria aceitar ser agredido ou suportar humilhações calado? De modo nenhum. Nos casos de abuso, as instituições têm de ser postas para trabalhar: é uma questão de justiça. A escola não pode prescindir do binômio premiação-castigo, sem o qual deixa de ser escola. De mais a mais, a depender do grau da ofensa sofrida, a polícia, o Judiciário e mesmo a imprensa têm de ser acionados. Contudo, a passagem de Marco Aurélio que nos ocupa não se centra na resposta institucional a atos hostis ou fora da lei, não está interessada na reparação de prejuízos, mas na resposta individual a coisas que nos atingem. Aqui, a justiça aparece não como valor a ser disseminado pela sociedade (pode e deve sê-lo, claro), mas como virtude a ser tomada a peito, encarnada, praticada, por uma pessoa – na moeda corrente do respeito por outrem. E a justiça, estoica e racionalmente considerada, exige dessa pessoa que ela perceba que, sendo o comportamento dos outros algo que dela não depende (item 1), a ira não é uma resposta adequada às ações alheias que vão contra os desejos que ela tem. Os outros nos dão provas recorrentes de sua autonomia, e mostrarmos a eles nossa fúria raramente lhes retifica a atitude – o ônus fica com o enfurecido, que se desgasta inutilmente.

Irar-se ainda funciona mais ou menos com crianças (muita vez pelos motivos errados), mas raramente com adolescentes. Passar um sermão em uma classe de Ensino Médio renderá chacotas para o ano todo, minará a autoridade de um professor. Ninguém dá “lições de moral”, no sentido próprio da expressão, quando não está na plena posse de si, sem raciocinar direito: o que se ensina, em momentos assim, é o destempero, é a noção de que bater o pé e estrilar é o suficiente para vencer sem convencer. Jovens tendem a

impressionar-se mais com quem tem autocontrole razoável (porque isso em geral lhes falta) do que com gente que vive indignada, espumando de raiva – os “estressados”. Se você mantiver a cabeça fria quando o pior sobrevier, poderá agir movido por justiça ao invés de revidar por desejo de vingança. E os alunos sabem ver a diferença entre essas duas coisas.

Se você não se persuadiu de que a ira não é uma resposta adequada aos desafios que vivemos, considere ao menos os efeitos contraproducentes, quando não francamente ridículos, dessa paixão: quantos políticos e quantas figuras públicas já foram pegos exorbitando diante de câmeras de televisão – e como é impossível trazer à mente tais pessoas hoje sem se lembrar desses episódios lamentáveis que marcaram suas vidas. As câmeras agora estão, como ninguém o ignora, em todos os lugares. Pense nisso.

(3) “A arte da vida assemelha-se mais à luta que à dança” – é como principia outra passagem que Marco Aurélio deixou registrada para si mesmo (VII, 61). Tal modo de ver as coisas não dista muito de certa concepção popular segundo a qual trabalhar é “ir à luta” ou “batalhar”. Também se pode ouvir aqui um eco do que o Sócrates platônico diz a Glauco, no fim da *República*, quando sugere que não há maior combate que aquele que faz um indivíduo tornar-se ou mostrar-se bom ou mau (X, 608b).

O que importa, pois, é a seriedade com que a figura de linguagem é tomada; para que ela nos possa iluminar a existência, suas consequências têm de ser desdobradas – e sobretudo transformadas em prática. Logo, se de fato virmos a vida como um desafio em que nossa integridade, física e moral, é posta à prova, teremos de agir como lutadores, os quais não entram em uma contenda sem preparação rigorosa. Os golpes dos adversários são para eles preocupação constante: é preciso aprender a esquivar-se e suportar a dor dos choques inevitáveis. Há, como se sabe, treinos para isso. Com efeito, a nota pessoal do imperador continua assim: “você tem de manter-se de pé, preparado e em guarda, enquanto golpes lhe são desferidos, às vezes de maneira inesperada”.

Apesar de nos enxergarmos como batalhadores, temos dificuldades em lidar com reverses. Decerto recriaríamos a atitude de um boxeador derrotado que se pusesse, desfeito em pranto, na posição fetal, ou ainda que partisse para

a agressão aos juízes e ao público. Contudo, boa parte de nossas reações às situações cotidianas não difere muito das do mau perdedor. Sabe-se que o efeito cumulativo das frustrações produz não raro um estado de abatimento que pode ser muito debilitante e duradouro. Professores estão sujeitos a isso porque são em geral de têmpera idealista e muita vez não encontram, junto à comunidade escolar, respaldo pelo que fazem. A questão torna-se, pois, agir para mitigar o peso das coisas que nos frustram em nosso dia a dia – e ver a vida como um combate pode ser a melhor alternativa. Em viés mais comezinho, isso quer dizer que, se uma aula não sair como o planejado, teremos a próxima para “nos redimir”, assim como há assaltos em uma luta de boxe. Em viés mais excepcional, quando viermos a enfrentar uma situação de hostilidade e, no limite, de agressão, significa estarmos preparados para lidar mesmo com isso. É evidente que ninguém vai para o trabalho com a intenção de ser humilhado ou atacado (temos, no final das contas, um Código Penal). Bem mais evidente, porém, é que a posição do professor, sitiado pelas lealdades de grupo dos estudantes, pelos vícios falsificadores das burocracias do ensino e pela incompreensão de alguns pais de alunos, é de grande vulnerabilidade. Há então uma escolha a se fazer: viver como se o pior nunca pudesse irromper na sala de aula ou manter a guarda alta.

Por piores que sejam, na média, as condições de trabalho de um professor no presente, elas não se comparam com o que era viver entre adutores e traiçoeiros, amparando-se na lealdade do exército e da guarda pretoriana. Marco Aurélio sabia que nem todos eram hostis a seu mando – mas principalmente sabia que existiam os hostis, os que não entendiam ou valorizavam o que ele fazia. Assim, era parte de seu “regime filosófico” diário lembrar-se desses tipos indefectíveis com reflexões desta natureza:

Ao amanhecer, diga a si mesmo: hoje me depararei com um indiscreto, um ingrato, um insolente, um desleal, um invejoso, um antissocial. Tudo isso lhes sucede por sua ignorância do bem e do mal. Mas eu, que vi a natureza do bem, que é o certo, e a do mal, que é o errado, e a da pessoa que comete a falta, que é afim à minha, participe não do mesmo sangue ou semente, mas da mesma mente e da mesma partícula divina, não posso sofrer danos de nenhum deles porque nenhum me infectará com seu erro. Nem posso indispor-me com um semelhante ou odiá-lo, porque nascemos para uma tarefa comum, como os pés, como

as mãos, como as pálpebras, como os maxilares superior e inferior. De modo que agir uns contra os outros vai contra a natureza: e oposição são a ira e a rejeição. (*Meditações*, II, 1)

E se você jamais pusesse os pés na escola antes de pensar friamente – sem expansões mórbidas! – em todas as coisas que podem dar errado naquele dia, em todos os caracteres desagradáveis com que provavelmente deparará? Quem são os *indiscretos*, os *ingratos*, os *insolentes*, os *desleais*, os *invejosos* e os *antissociais* de seu cotidiano e como agem? Como você pode contornar ou enfrentar as situações difíceis provocadas por eles? E como você conseguiria fazer isso sem se deixar tomar por animosidade, sabendo que, no fundo, tem de cooperar também com os que tornam o convívio mais rude? Note que essa estratégia funciona bem em qualquer cenário. Se as tais pessoas difíceis criarem obstáculos ao longo do dia, você terá, ao antecipá-los, reações emocionais mais contidas e poderá julgar as coisas racionalmente, tomando decisões melhores. Se nada de espinhoso, por outro lado, se verificar, haverá em você grande satisfação por ter passado um dia normal e pacífico, aquém de suas piores expectativas.

(4) “Cada um é tão desgraçado quanto acredita sê-lo” – escreveu Lúcio Aneu Sêneca a seu amigo Lucílio, em uma carta que trata do modo de suportar as doenças e os males do corpo (LXXVIII, 14). Era o remetente um homem já velho e alquebrado, muito experimentado na asma e em outros problemas respiratórios. Sêneca insta o amigo a não fazer grande caso dos sintomas que vinha tendo; isso seria adicionar às dores um peso maior: o da opinião ou da imaginação (ditadas, em geral, pela autopiedade). Uma coisa é o sofrimento em si, outra é o sofrimento aumentado pela ideia de que se é um desgraçado (*miser*) por sentir aquilo. A primeira opção, em sua crueza, envolve forças maiores do que nós, sendo, assim que entendemos que não há muito o que fazer, mais fácil de suportar. A segunda vem com o acréscimo de hábitos mentais (opinião, imaginação) que nos sabotam, diminuindo nossa capacidade de resiliência. Parece óbvio, mas uma atitude positiva frente à dor e ao sofrimento acaba por tornar essas coisas menos terríveis. Em muitos sentidos, somos nós que criamos nosso próprio padecimento, nosso próprio inferno.

O que Sêneca diz a respeito das dores corporais também se aplica a outras áreas. E aqui a discussão nos interessa mais de perto, pois o cotidiano de um professor pode ser muito difícil, cheio de motivos para dissabores e pesares. Sabe-se que a depressão é um mal que acomete parcela considerável da classe docente. Não pretendo, de maneira nenhuma, trivializar o problema e dizer que ele é injustificado. Desprestígio, baixos salários, condições ruins de trabalho e diversas formas de afronta são em muitos casos dados objetivos, que têm o poder de abater, de insensibilizar e mesmo de desesperar. Não há solução à vista para essas e outras questões educacionais – não em nível macro, ao menos. De modo que você terá talvez de conviver com coisas assim por muito tempo, quiçá até o fim de sua carreira. E torna-se vital saber como reagir com sabedoria *antes* de cair na depressão.

Você tem plena consciência, pois, do quinhão de tristezas que a profissão pode proporcionar-lhe: não torne as coisas piores cultivando pensamentos como “o que fiz para merecer isto?”, “foi para situações assim que estudei tanto?” e “ninguém sofre o mesmo que eu neste colégio!”. Não é apenas vergonhoso pensar assim, como também é falso. Ninguém é especial por ter sofrido ou por ter sido poupado de um sofrimento. Coisas desagradáveis *acontecem* – e são meio aleatórias. Também não é saudável, além de não muito edificante, o hábito dos queixumes e das reclamações, infelizmente não incomum nas salas de professores: o que se vê em ocasiões assim são pessoas não se conformando com o fato de que não controlam o comportamento dos outros, os mais jovens.

Bem, ninguém controla, ninguém jamais controlou: o primeiro registro do qual ouvi falar de condenação às inclinações da juventude, vista como incapaz de manter o que haveria de bom em dada cultura, estaria em uma inscrição de um vaso de argila babilônico datando de 3000 anos antes de nossa era. A incomunicabilidade entre gerações é uma constante que responde por boa parte da história do mundo. E se há um tipo de insolência que nasce da falta de experiência, também existe uma sorte de rabugice que brota da presunção de ter vivido o que deveria ser o ponto culminante na evolução humana. Ambas as perspectivas, por egoístas, por bitoladas, estão erradas. Nossa história é movimento, não pode deixar de sê-lo. Assim, você pode entender o tamanho do

desafio que a profissão lhe coloca ou esmorecer sob o peso da coisa. Lembre-se de Epicteto (item 1): o que nos diz respeito de verdade é o modo como lidamos com as situações (que podem ser dolorosas), não as situações em si.

Se você compreendeu, com o item 2, por que não deve permitir que a ira tome espaço dentro de sua pessoa, não terá dificuldades para ver por que a melancolia deve ser igualmente evitada. Use, portanto, a energia que serve de combustível à estima que você tem por si para colocar-se para além das suscetibilidades comuns, para tornar-se uma pessoa mais difícil de irritar e entristecer, para criar – como diz a expressão colorida de nosso povo e como o disse Montaigne em seu segundo ensaio, “Da tristeza” – uma “casca” ou “carapaça”, diminuindo o atrito com o mundo exterior. Tudo isso principia, necessariamente, com não se imaginar como uma vítima.

(5) “Os seres humanos foram feitos uns para os outros: ou os ensine, ou os suporte” – é mais uma das notas de Marco Aurélio a si mesmo (VIII, 59). Aqui, ele fazia referência, muito verossimilmente, a várias das pessoas que o cercavam, as quais podiam incorrer em atitudes incômodas ou nocivas. Vimos, no item 3, que o imperador-filósofo se preparava desde cedo para a eventualidade desses encontros desagradáveis.

Jamais se furtando a seus deveres, Marco Aurélio viveu entre os campos de batalha de além-Danúbio e a corte romana – dois ambientes perigosíssimos. Ele tinha poder de vida e morte sobre milhões de pessoas, romanos e bárbaros, e àquela altura Roma já tinha visto muitos soberanos cederem a pendoros paranoicos ou dissolutos: Calígula, Nero e Domiciano eram ainda lembrados. Tornar-se um tirano era, portanto, uma possibilidade à disposição do imperador: usar de seu poder, de suas riquezas e de seus súditos de modo torpe e cruel era um abismo à margem do qual Marco Aurélio caminhava diariamente, havendo o perigo constante de um passo em falso. Estamos falando de uma quantidade de poder que, para pessoas comuns do século XXI, beira o inimaginável, e que vinha acompanhada de uma vertigem que seria irresistível para muitos de nós.

Mas o que isso tem a ver com os professores de hoje, dos quais muitos se veem desafiados em sua autoridade o tempo todo, são desvalorizados e mal e

mal conseguem lecionar? Na superfície, não muito: a desproporção entre as situações é imensa. Mas, olhando-se um tanto mais fundo, vemos que aquele que foi o homem mais poderoso da humanidade por dezenove anos nunca se sentiu autorizado a abusar de suas prerrogativas políticas e militares para satisfazer seus caprichos. Ele podia condenar qualquer um à morte com um simples gesto, mas nunca agiu assim – e seus pensamentos íntimos só falam de tolerância e justiça. Para manter-se na linha, ele lembrava a si mesmo que os seres humanos, segundo a visão estoica, viviam uns para os outros, estavam destinados a cooperar entre si e conviver em harmonia. Quando não se comportavam assim, estavam agindo contra a própria natureza: como lobos ou chacais, não como os seres racionais e sociáveis que todos somos – ou deveríamos ser.

Mas há algo mais importante e surpreendente: Marco Aurélio via a si mesmo como um professor, como alguém em posição de ensinar a seus próximos o caminho para um comportamento melhor. Ele sabia que era um exemplo para os romanos, e tal constatação o envaidecia menos do que lhe dava a medida de sua responsabilidade. Ora, se um dos soberanos mais justos da história julgava nobre ver-se a si próprio como uma espécie de professor, se colocava grandes mestres como Heráclito e Sócrates acima dos maiores líderes políticos, por que não deveríamos acreditar nele? Você também, meu semelhante e meu irmão, sabe que é um exemplo para os alunos que assistem a suas aulas: às vezes, você será o único espécime de adulto maduro e educado, não disfuncional, com que certas crianças e certos jovens terão contato nos primeiros anos da vida. Claro, gostaríamos de dar aos estudantes mais do que o que temos alcançado, garantindo que todos saíssem da escola com uma formação intelectual digna do nome. Todavia, isso nem sempre é possível porque há muitas coisas conspirando contra o ensino. Saibamos, ao menos, que um professor que demonstre compostura e esforço sempre deixará algo: o exemplo de alguém devotado ao saber e que tem respeito pela inteligência dos outros. É que ensinamos o tempo todo e de muitas formas, não só quando tomamos o giz nas mãos.

CONCLUSÃO

A exposição que fiz ao longo destas páginas tem a pretensão de convencer meus colegas de profissão de que incorporar certos aspectos do modo de pensar e agir dos estoicos pode fazer de nós professores melhores, tornando-nos menos suscetíveis a angústias, mais conscientes e firmes em nossas decisões e, em última análise, mais íntegros. Acima de tudo, espero que tenha ficado claro que retificar nossa percepção das coisas é só o primeiro passo: princípios que nos parecem sensatos, que passamos a repetir para nós mesmos, devem transparecer em cada ação que tomamos no dia a dia.

Assim, é possível que eu tenha atingido o meu objetivo em algum grau – ou que tenha falhado redondamente. Qualquer que seja o caso, insisto no fato de que vale a pena ler os estoicos. Eles têm bem mais a oferecer que as cinco citações selecionadas aqui. Quem se aventurar pelos escritos dessa escola filosófica antiga verá uma proposta de educação do ser humano muito atual, que não vê o bem supremo nem no poder, nem na fama, nem na riqueza, nem nas honrarias, mas na excelência ou virtude (em grego, *areté* – palavra provavelmente ligada ao comparativo *areíōn*, “melhor, mais nobre”, e ao superlativo *áristos*, “o melhor, o mais nobre”).

Até agora, ao menos, não encontrei uma proposta melhor. Feitos, não palavras.